

A transmissão da neurose nas relações familiares em “Cem anos de solidão”

FABIANO CHAGAS RABELO

Propomo-nos, neste trabalho, abordar a transmissão da neurose nas relações familiares através de um comentário do romance “Cem Anos de Solidão”, do escritor colombiano Gabriel Garcia Marques. Nosso intuito é problematizar os fundamentos teórico e ético da noção de hereditariedade em psicanálise, salientando sua especificidade.

O livro descreve o trabalho de decifração de uma escritura que atravessa a história de várias gerações de uma mesma família, os Buendia, tecendo uma rede de ditos e não-ditos na qual vários sujeitos são convocados a se situarem.

Redigida em sânscrito pelo Cigano Melquíades, amigo do patriarca José Arcádio, a escritura se retrata como um amontoado incompreensível de rabiscos e enreda uma maldição que, de acordo com os relatos dos primeiros Buendia, abateu-se sobre a família. Havia um tabu que proibia o casamento entre primos e acreditava-se que, em virtude das repetidas violações, acabar-se-ia por gerar crianças com rabo de porco.

O casamento de José Arcádio com Úrsula, primos entre si, desenrola-se sob influência dessa profecia. José Arcádio não faz muito caso do vaticínio: “não me importa ter leitõezinhos, desde que possam falar”.¹ Úrsula, por sua vez, guarda vivas na memória as palavras da mãe sobre uma tia avó, cujo filho nascera com uma cauda e morrera tragicamente tentando extirpá-la. No receio de gerar uma prole aberrante, adia por seis meses o contato sexual com o marido, utilizando-se de um cinto de castidade improvisado com lona, correntes e cadeados. Tal fato torna-se público e José Arcádio, questionado acerca de sua virilidade por um rival numa rinha de galo, acaba por assassiná-lo.

Assim, sob a égide de um cadáver, transcorre as núpcias do casal e tem início a descendência dos “condenados a cem anos de solidão”. Funda-se, ou, melhor dizendo, renova-se aí uma dívida simbólica que remete aos enigmas relativos ao sexo, à vida, à morte

¹ Márquez. Cem Anos de Solidão. (2006, p. 25-26).

e à procriação.

José Arcádio, atormentado pela culpa do assassinato, resolve partir numa jornada rumo ao mar – na direção contrária à trilhada por seus ancestrais - acompanhado pela esposa e por outros habitantes do vilarejo onde morara até então. Nessa travessia nasce o primeiro filho do casal, batizado com o mesmo nome do pai. Depois disso, instigado por um sonho premonitório, abandona o plano de chegar até o litoral e decide fixar residência em um local que denomina Macondo: “um nome que nunca tinha ouvido, que não possuía significado algum, mas que no sonho teve uma ressonância sobrenatural.”²

² *Ibid*, p. 29.

No livro, chama-nos a atenção a valorização da ação do significante³ na narrativa. As palavras, no laço social que une os membros da família, não se reduzem aos seus efeitos de significado. Toda a história é transmitida e apropriada a partir de fragmentos de memórias e impressões pessoais, muitas delas infantis, carregadas por uma volúpia e colorido emocional peculiar. A pluralidade de vozes é outra característica marcante: o enredo desenrola-se na somatória de recortes de falas e histórias, tecendo uma linha narrativa que deságua na decifração das escrituras de Melquíades.

³ Lacan, Jacques. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957). In: *Escritos*. (1998, pp. 496 – 533)

A repetição de nomes próprios na família acentua a incidência do significante na urdidura do romance familiar. Os prenomes Aureliano, Arcádio, Úrsula, Amaranta e Remédios se alternam e se combinam para acentuar o jogo de repetição e variação da mensagem desse Outro que atravessa a história da família. No decorrer das gerações, em contextos e tempos variados, diferentes sujeitos, cada qual a seu modo, dependendo da posição ocupada na rede de relações simbólicas, reedita o enigma suscitado pela maldição dos Buendia: a solidão.

Nos primeiros anos, após a fundação de Macondo, dá-se o encontro do patriarca José Arcádio com Melquíades. Este chega de tempos em tempos ao povoado com sua tribo de ciganos, expondo o que chama de “as últimas maravilhas da ciência”, ao lado de números circenses e espetáculos de feira.

A paixão em comum pelo saber enseja uma longa amizade entre os dois. O fascínio de José Arcádio pelos objetos trazidos pelos ciganos é tanto que se põe a imaginar usos mirabolantes para eles: guerras, grandes obras, meios de obter

fortuna fácil, etc. Mais adiante, Úrsula reconhecerá aí um dos traços ressurgentes nas gerações seguintes: o gosto por obras grandiosas e estapafúrdias. Após várias visitas a Macondo e de um longo período de ausência, Melquíades regressa à casa dos Buendia para ali viver até a morte. Nesse período, redige as escrituras que velam e desvelam o destino da estirpe do Patriarca José Arcádio e declara: seus escritos não serão elucidados antes de se passarem cem anos.

Acreditamos ser pertinente falar sobre o lugar de Melquíades entre os Buendia: o de estrangeiro excêntrico, portador de um saber enigmático sobre o destino da família. Evocamos aqui o conceito freudiano de estranho⁴ – *das Unheimliches* – e a tradução que Lacan lhe dá de extimidade, neologismo integrando os sentidos de exterioridade e intimidade.

Enquanto os manuscritos do cigano repousam em esquecimento num quarto da casa dos Buendia, a matriarca Úrsula, no decorrer de sua longa existência, torna-se uma espécie de cronista das reedições dos dramas familiares. Com o tempo, passa a referir-se à sua residência como uma “casa de loucos” e o temor de que algum membro de sua prole venha ao mundo deformado vai perdendo força diante da constatação de que “as extravagâncias dos filhos eram uma coisa tão terrível quanto um rabo de porco.”⁵ Para Úrsula, os filhos herdam as loucuras dos pais.

Décadas depois de Úrsula chegar a essa conclusão, o último José Arcádio, homônimo do fundador de Macondo e seu tataraneto, elenca as paixões dos antepassados encarnadas em seus medos e terrores:

As mulheres de rua, que arruinavam o sangue; as mulheres de casa, que pariam filhos com rabo de porco; os galos de briga, que provocavam mortes de homens e remorsos de consciência para o resto da vida; as armas de fogo, que só com serem tocadas condenavam a vinte anos de guerra; as empresas audaciosas, que só conduziam ao desencanto e a loucura; e tudo, enfim, tudo quanto Deus criara com sua infinita bondade e que o diabo pervertera.⁶

⁴ Freud. O estranho (1919/1972)

⁵ Márquez. Cem Anos de Solidão. (2006, p. 44).

⁶ *Ibid*, p. 350.

Quanto ao último José Arcádio, Úrsula tomara para si o encargo de educá-lo de modo a mantê-lo distante dos desvarios da família e prepará-lo para a carreira eclesiástica:

Ninguém melhor do que ela (Úrsula) para formar o homem virtuoso que haveria de restaurar o prestígio da família, um homem que nunca tivesse ouvido falar de guerra, dos galos de briga, das mulheres da vida e das empresas delirantes, quatro calamidades que, conforme pensava Úrsula, tinham determinado a decadência de sua estirpe. “Este será padre”, prometeu solenemente. “E se Deus me der vida bastante, há de chegar a ser Papa.”⁷

⁷ *Ibid*, p. 184.

Embora sua criação tenha sido direcionada por Úrsula para suplantar a maldição da família, algo das narrativas familiares, ainda que pelo avesso, fez-se transmitir. Na tentativa de afastá-lo do que considera as desgraças da família, acaba por torná-las mais vivas em sua fantasia.

Ressaltando o estilo cíclico do livro, a narrativa simultânea de fatos acontecidos em tempos diferentes, interligando passado, presente e futuro, temos as palavras da matriarca Úrsula: “É como se o tempo desse voltas sobre si mesmo e tivéssemos voltado ao princípio”⁸, e “num círculo vicioso.”⁹ Reconhecemos nessa temporalidade circular os efeitos da cadeia significativa, que engendra sentido retroativamente, numa lógica própria, na qual coexistem movimentos sincrônicos e diacrônicos.

⁸ *Ibid*, p. 189.

⁹ *Ibid*, p. 214.

No entanto, a repetição que ordena o desenrolar da história não se limita à simples reprodução do mesmo. No dizer de Pilar Ternera, vidente, cartomante, prostituta, além de mãe e amante de vários Buendia: “a história da família era uma engrenagem de repetições irreparáveis, uma roda giratória que continuaria dando voltas até a eternidade se não fosse pelo desgaste progressivo e irremediável do eixo.”¹⁰

¹⁰ *Ibid*, p. 375.

Com isso, é importante chamar atenção para o fato de que, para além das repetições do significante, algo de novo irrompe.

¹¹ Lacan, Jacques. *O Seminário, livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1998b, pp.: 55 - 65)

Lacan, em *O Seminário*, livro 11 refere-se a duas diferentes apresentações da repetição¹¹. Propõe chamar de Tiquê uma

delas. Trata-se, diz ele, de algo que acontece como se por acaso e em relação ao qual nós, analistas, não nos devemos deixar tapear. É o encontro faltoso e traumático com o real. O real enquanto distinto da concepção de realidade: aquilo que resiste ao simbólico e sempre retorna ao mesmo lugar.

Em contraste à Tiquê, há o Autômaton, que remete a uma outra forma de repetição demarcada pela insistência dos signos. Porém, é a partir das circunvoluções do Autômaton que eclodem as manifestações da Tiquê. Podemos afirmar então: em psicanálise, a repetição, por estar em última instância sempre implicada em uma relação com o real, não é reprodução, mas uma incessante demanda pelo novo.

Essa irrupção do real que subjaz às repetições dos temas familiares, no livro, ocorre em paralelo à decifração das escrituras. Daí o tempo necessário – 100 anos – para que sua leitura seja viabilizada.

Sugerimos que o estilo realista-fantástico do autor constitui uma forma de cingir o impasse da relação sexual, questão que se sobressai no vínculo dos personagens do livro com a escritura que articula, no *a posteriori*, o fio condutor da narrativa. A solidão, à qual os membros da família Buendia estão irremediavelmente condenados, reflete a impossibilidade lógica de se fazer Uno pela relação sexual. Na história de todos os personagens, há sempre uma falta resistente a toda tentativa de sutura, condenando ao fracasso qualquer projeto de felicidade que busque se extraviar de sua verdade. A felicidade possível para os Buendia, a felicidade efêmera e circunstancial, é consequência da resignação diante da solidão e de sua aceitação.

Percebemos que os personagens “se humanizam na solidão”, compartilham a solidão entre si e atravessam o desamparo de suas existências para chegar ao seu outro lado, de modo a se reconciliarem com a solidão. Assim ocorre com o patriarca José Arcádio, amarrado a uma árvore na lucidez de sua loucura; com Amaranta, em seus encontros com a morte durante a confecção de sua mortalha; com o general Aureliano, em sua oficina de ourivesaria na fabricação de peixinhos de ouro; e com José Arcádio Segundo, na leitura dos pergaminhos de Melquíades.

Retomemos a pergunta de início: em quais paradigmas se assentam os princípios da hereditariedade em psicanálise? Para

ela, transmite-se o enigma da relação sexual pelo entrelaçamento de dois desejos - heterogêneos e irreconciliáveis - na constituição de um novo ser. Este ser, a partir dos significantes e das contingências que o afetam, haverá de responder à falta que está na sua origem. A neurose constitui, portanto, uma resposta - irredutivelmente única e singular - ao desejo do Outro.

referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund. (1919) Das Unheimliches. In: Studienausgabe. Frankfurt a. M.: S. Fischer, 1972. Band IV.
- LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: Escritos. Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1998 a
- LACAN, Jacques. O Seminário - Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (1964) . Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1998 b
- MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. Cem Anos de Solidão. Rio de Janeiro, Record Ed. 2006

resumo

A partir de um comentário do livro “Cem Anos de Solidão”, este trabalho visa a proporcionar uma discussão sobre a hereditariedade e a transmissão da neurose em psicanálise. Enfatizaremos a valorização dos efeitos do significante nas narrativas de seus personagens e as diversas modalidades de repetições que atravessam as gerações da família Buendia. A referência aos escritos de Melquíades é tomada como uma metafórica materialização da mensagem do Outro. Remeteremos aos conceitos de Tiquê e Autômaton, para destacar, como elemento central dessas repetições, o impasse sexual na função daquilo que se faz transmitir nas relações familiares. Com isso, salientaremos a especificidade da noção de hereditariedade em Psicanálise.

palavras-chave

hereditariedade, tiquê, autômaton, significante

abstract

From a commentary of the book “A Hundred Years of Solitude”, this paper aims at proposing a discussion about heredity and transmission of neurosis in psychoanalysis. It will be highlighted in the aforementioned book the valuation of the effects of the significant from its characters’ narrative as well as the various modalities of repetition which go through the generations of the Buendias. Melquíades Writings will be referred, taking it as a metaphoric materialization of Other’s message. We will also refer to the concepts of Tiquê and Autômaton highlighting as central element of its repetitions the sexual impasse concerning what is transmitted in the family relationships. With this, we intend to accentuate the specificity of the notion of heredity in psychoanalysis.

key words

heredity, tiquê, autômaton, significant

recebido

20/10/2007

aprovado

10/11/2007